

A EQUIVALÊNCIA NAS TRADUÇÕES DA BÍBLIA PARA O PORTUGUÊS: EM BUSCA DE UMA TRADUÇÃO QUE CONTEMPLE O LEITOR

Priscila Souza Mota e Ricardo Cesar Toniolo***

RESUMO

O objetivo deste estudo é apontar um princípio de tradução que mantenha a precisão semântica original e ao mesmo tempo forneça ao leitor da Bíblia a possibilidade de melhor compreendê-la. Utilizando a teoria de Eugene A. Nida, avalia-se o comportamento de diversas traduções a partir de uma expressão idiomática. Demonstra-se como tal expressão funcionou na cultura que a cunhou e como a equivalência dinâmica auxilia em sua tradução.

PALAVRAS-CHAVE

Bíblia; Tradução; Equivalência; Língua; Cultura.

INTRODUÇÃO

Este artigo discorrerá sobre como as diversas traduções da Bíblia são pensadas e executadas de maneiras diferentes, com intencionalidades diferentes e, por isso, alguns termos ou expressões utilizados na língua alvo tornam-se bastante diferentes da língua fonte.

Pergunta-se se uma metodologia de tradução pode levar o leitor a um distanciamento do sentido do texto em sua língua fonte e se há uma metodo-

* Bacharel em Comunicação Social com habilitação em Publicidade e Propaganda pela Faculdade de Ciências Sociais Aplicadas do Cescarelli (2005); licenciada em Letras com habilitação em Espanhol pelo Centro Universitário do Cerrado – Patrocínio – UNICERP (2013) e mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

** Bacharel em Teologia pelo Seminário Presbiteriano Rev. José Manoel da Conceição e pela Universidade Presbiteriana Mackenzie; mestre em Teologia com concentração em Teologia Exegética pelo CPAJ e mestre em Letras pela Universidade Presbiteriana Mackenzie.

logia que o aproxime dele. Por isso, é preciso não perder de vista a diversidade cultural, social e intelectual das pessoas que fazem uso do texto bíblico. Assim, faz-se necessário estabelecer algumas adaptações de fragmentos, expressões ou termos para que não haja prejuízos no entendimento da língua fonte, fazendo, desta forma, a contextualização na língua alvo.

Existe grande controvérsia no âmbito da ciência da tradução sobre equivalência de termos, como ela ocorre e se é mesmo possível. Desta forma, por meio de estudos fundamentados na teoria da tradução do linguista Eugene A. Nida, será possível compreender melhor a relação entre a língua fonte e a língua alvo e como essas teorias se apresentam nas variedades dos textos bíblicos.

O artigo levantará algumas traduções da Bíblia com perspectivas diferentes na metodologia de tradução. Apontará tanto casos de traduções nas quais houve necessidade de adaptações e contextualizações na língua alvo quanto aqueles em que se buscou a literalidade para reafirmar a fidelidade ao texto original, objetivando apontar o princípio mais adequado para uma tradução que pretenda dar ao leitor uma possibilidade de compreensão maior de expressões idiomáticas, sem necessidade de recorrer a outros materiais durante a leitura.

1. TRADUÇÃO E CULTURA

Antes de abordar diretamente a tradução bíblica e suas variantes é preciso compreender o que é tradução, pois desde os antigos romanos esse termo é debatido, não sendo possível chegar a uma única teoria de tradução, e sim a teorias de tradução, segundo Nida.¹ Sabendo disto, é preciso ter em mente que não há tradução perfeita. Isso porque o pensamento se processa através da língua e é sabido que língua e cultura estão intimamente vinculadas. Entretanto, mesmo diante da impossibilidade de uma tradução absolutamente equivalente, sabe-se que a tradução em si é possível e, por melhor que esteja, também passível de aperfeiçoamento e readaptações.

É notório que há controvérsia no âmbito dos estudos da tradução. Porém, em seu histórico é possível observar uma discussão que causa oposição entre o que os estudiosos do assunto compreendem sobre a tradução de um texto. A oposição se dá devido à divergência no pensamento com respeito ao processo adotado para a tradução, se deve ser literal ou livre.

Há diversas denominações para referir-se ao processo de tradução, mas este ensaio se aterá ao termo equivalência, utilizado por Eugene A. Nida. Este também utiliza o termo “correspondência” em seu livro *The Theory and Practice of Translation*, no qual, segundo Y. C. Whang, ele se manifesta mais

¹ NIDA, Eugene A. *Language and translating*. Shanghai: Foreign Language Press, 1993 apud SOUZA, José P. Teorias da tradução: Uma visão integrada. *Revista de Letras*, n. 20, v. 1/2, jan.-dez. 1998. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

crítico.² No entanto, é preciso frisar que o termo é mais empregado na linguística contrastiva. A equivalência pode ser formal ou dinâmica, a formal associando-se ao conceito de literalidade e a dinâmica ao conceito de liberdade.

Uma análise das duas tendências indica que, pelos comentários que trazem sobre a equivalência, os trabalhos podem se reunir em dois grandes grupos também por sua fundamentação. Os que priorizam a sistematização da equivalência têm como base a linguística, seja ela estrutural, textual ou discursiva. Os que buscam relativizar o conceito ou limitar seu alcance apoiam suas teses principalmente na descrição de traduções literárias.³

Essa controvérsia se dá pela dificuldade em sistematizar e definir o que seria equivalência, primeiramente devido à relatividade das normas de tradução. Outro problema é o conceito e a etimologia da própria palavra. Na matemática, por exemplo, o conceito de equivalência é “ser o mesmo” e sua etimologia, “ter o mesmo valor”, “nivelar” ou “estar no mesmo plano”. Entretanto é sabido que não é possível que a tradução reproduza exatamente o texto fonte. Sendo assim, “não é o mesmo que” e nem “permanece no mesmo plano”.

Na linguística contrastiva a correspondência é utilizada como parâmetro para comparar elementos entre duas ou mais línguas e analisar suas diferenças com o propósito de proporcionar um melhor aprendizado de uma segunda língua. Nos estudos comparados os textos devem desempenhar idêntico papel numa situação idêntica, como afirma Halliday.⁴

Entretanto vale lembrar que as situações e compreensões variam de cultura para cultura. No campo da tradução, Rónai⁵ exemplifica o problema com a expressão *The Heart of the Matter*, título do livro de Graham Greene, que foi traduzida como “o coração da matéria”, quando o equivalente na língua portuguesa seria “o xis do problema”. Assim, o efeito de sentido foi perdido, não porque a gramática não tenha ficado bem, mas porque a cultura não foi levada em consideração.

O problema do termo equivalência, então, se dá por não existir a equivalência real entre termos de línguas pensadas de formas diferentes. Mesmo havendo palavras equivalentes entre duas línguas, dificilmente será possível haver equivalência de expressões sempre. As chances de se perder o real sentido do texto traduzido são grandes, pois o autor pode se valer de expressões idiomáticas da língua fonte que não existem na língua alvo, ou mesmo de termos com

² PORTER, Stanley E.; HESS, Richard S. (Eds.). *Translating the Bible: problems and prospects*. Sheffield: Sheffield Academic Press, 1999, p. 50.

³ RODRIGUES, Cristina C. *Tradução e diferença*. São Paulo: Unesp, 2000, p. 21.

⁴ HALLIDAY, M. A. K. et al. Comparação e tradução. In: _____. *As ciências linguísticas e o ensino de língua*. Petrópolis: Vozes, 1974, p. 136-161 apud RODRIGUES, *Tradução e diferença*, p. 29.

⁵ RÓNAI, Paulo. *A tradução vivida*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1975, p. 104-105.

mais de um significado na língua fonte que possuem um significado restrito na língua alvo ou vice-versa.

Por outro lado, quando se busca uma equivalência livre ou semântica perde-se a voz do autor, o que ele realmente disse, em favor do que o tradutor entende que ele quis dizer. Para Catford,⁶ o equivalente deve ser a “palavra-chave”, pois considera que o problema da tradução está justamente em encontrar o equivalente apropriado na língua alvo.

Eugene A. Nida propôs uma teoria baseada em conceitos de equivalência formal e equivalência dinâmica ou funcional. A partir dessa visão teórica sobre tradução e equivalência, o estudo abordará como essa controvérsia e a diversidade de possibilidades para tradução podem interferir na tradução de textos bíblicos e em suas interpretações.

2. A TRADUÇÃO DA BÍBLIA PARA O PORTUGUÊS

Diante do exposto anteriormente e das controvérsias levantadas a respeito dos estudos de tradução e equivalência é possível antecipar os problemas com relação às traduções bíblicas, pensando que o texto sagrado é um dos mais traduzidos para as mais diversas línguas. Segundo Souza,⁷ em outros tempos a tradução livre de um texto sagrado poderia ser interpretada como “infidel” e herética e o seu tradutor poderia ser condenado pela Inquisição. Entretanto, como afirma esse autor:

São Jerônimo (384 AD), o santo protetor dos tradutores, que traduziu a Bíblia inteira para o latim, também mostrou preferência pela tradução do sentido, opondo-se, desta maneira, à tendência dominante de seu tempo de se fazer tradução literal de obras sagradas por respeito à “Palavra de Deus”.⁸

Havia e ainda há um grande temor ao se fazer uma tradução da Bíblia. Entretanto, se não fosse pela tradução de sentido (ou tradução livre) a distância cultural, temporal e geográfica seriam grandes empecilhos para a compreensão dos leitores da língua alvo.

E há ainda que se considerar que a Bíblia foi originalmente escrita em três idiomas: hebraico, grego e aramaico, com séculos de distância entre o primeiro e o último texto, além de ter sido redigida por muitos escritores. Hoje, apenas na Sociedade Bíblica do Brasil é possível conhecer quatro traduções com perspectivas diferentes: João Ferreira de Almeida Revista e Corrigida,

⁶ CATFORD, J. C. *A linguistic theory of translation: an essay in applied linguistics*. Oxford: Oxford University Press, 1965, apud RODRIGUES, *Tradução e diferença*, 2000.

⁷ SOUZA, José P. Teorias da tradução: Uma visão integrada. *Revista de Letras*, n. 20, v. 1/2, jan/dez. 1998. Disponível em: <http://www.revistadeletras.ufc.br/rl20Art09.pdf>. Acesso em: 15 out. 2015.

⁸ Ibid., p. 52.

João Ferreira de Almeida Revista e Atualizada, Tradução Brasileira e a Nova Tradução na Linguagem de Hoje⁹; e na editora Paulus, outras três: Bíblia de Jerusalém, Nova Bíblia Pastoral e Bíblia do Peregrino.

Segundo a Sociedade Bíblica do Brasil (SBB) as traduções não são totalmente formais ou totalmente dinâmicas. As mais formais contêm um percentual de tradução dinâmica e as mais dinâmicas também possuem conteúdo formal.¹⁰

Traduções em equivalência formal são menos dependentes de atualizações. A Almeida Corrigida, por exemplo, que é de 1898, é a que mais se aproxima da tradução original de João Ferreira de Almeida feita no século XVII. Ela passou por atualizações principalmente no que se refere à ortografia e substituição de termos obsoletos. Pequenos reajustes foram feitos em 1995.¹¹ Aquelas realizadas pelo princípio da equivalência dinâmica precisam passar por revisões frequentemente. Este é o caso da Tradução na Linguagem de Hoje,¹² cujo Novo Testamento foi lançado em 1973, em 1988 foi publicada com o Antigo Testamento e logo depois passou por uma revisão, até que no ano 2000 foi lançada a Nova Tradução na Linguagem de Hoje.¹³

Todas as Bíblias da Editora Paulus trazem uma observação inicial afirmando sua preferência pela equivalência dinâmica ou funcional. A Bíblia de Jerusalém é bastante precisa ao informar seu procedimento de tradução:

Nesta edição, [...] levamos em conta as exigências do contexto, sem esquecer que uma tradução servil e demasiadamente literal frequentemente pode ser imperfeita na reprodução do sentido real de uma frase ou de uma expressão. [...]. Quando necessário, preferimos a fidelidade ao texto a uma qualidade literária que não refletia a do original.¹⁴

Esta é uma maneira bem sensata de se tratar o texto sagrado numa tradução. Ela tanto procura um equivalente ao sentido do texto original na língua alvo quanto prioriza o sentido original quando não encontra uma linguagem atual precisa para ele.

⁹ A Nova Tradução na Linguagem de Hoje, da Sociedade Bíblica do Brasil, é também publicada pela editora Paulinas com a presença dos livros deuterocanônicos para uso dos católicos romanos.

¹⁰ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Princípios de tradução. Disponível em: <http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/principios-de-traducao>. Acesso em: 26 set. 2015.

¹¹ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Traduções da SBB: Almeida Revista e Corrigida (ARC). Disponível em: <http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/as-traducoes-da-sbb/almeida-revista-e-corrigida>. Acesso em: 26 set. 2015.

¹² *Bíblia Sagrada: Tradução na linguagem de hoje*. São Paulo: Sociedade Bíblica do Brasil, 1988.

¹³ SOCIEDADE BÍBLICA DO BRASIL. Traduções da SBB: Nova Tradução na Linguagem de Hoje. Disponível em: <http://www.sbb.org.br/a-biblia-sagrada/as-traducoes-da-sbb/nova-traducao-na-linguagem-de-hoje>. Acesso em: 26 set. 2015.

¹⁴ *Bíblia de Jerusalém*. São Paulo: Paulus, 2004, p. 13.

Para Nida, o tradutor deve se colocar no lugar do receptor original para compreender a mensagem.¹⁵ Então, traduz para o receptor contemporâneo de acordo com sua cultura. Assim, ele atua como receptor da mensagem da língua fonte e como a fonte da mensagem na língua alvo, procurando provocar no leitor contemporâneo o mais próximo possível da reação que teria tido o leitor original.

Atualmente há uma preferência pela equivalência dinâmica nas traduções para o português. No entanto, corre-se o risco de transformar a tradução numa paráfrase se não houver sensatez no critério de tradução. Mas certamente a tradução mais próxima do ideal no mínimo leva em consideração a cultura.

3. A TRADUÇÃO DA BÍBLIA E A DOCTRINA DA INSPIRAÇÃO

O princípio da tradução é também regido pela doutrina religiosa do tradutor e das pessoas para quem ele está traduzindo. Isto não significa promover ênfases doutrinárias que privilegiem um determinado grupo, risco que corre mais frequentemente quem adota a equivalência dinâmica. As diferenças doutrinárias devem permanecer no campo da hermenêutica, deixando que a tradução mantenha as características da língua fonte.¹⁶ O que se pretende considerar é que quando se refere ao princípio de tradução, a doutrina da inspiração verbal é um fator essencial para alguns tradutores adeptos da equivalência formal. Segundo eles, a Bíblia foi inspirada por Deus palavra por palavra e por isso deve ser traduzida literalmente. O outro lado é representado por aqueles que admitem ser a Bíblia inspirada no pensamento principal, validando, portanto, a equivalência dinâmica na tradução da Escritura Sagrada.¹⁷

Nem todos os que optam por um ou outro tipo de equivalência são radicais nesse princípio. Mas, a existência desse debate mostra, no mínimo, que há um princípio religioso que influencia a maneira como a tradução será realizada. A defensora mais radical da equivalência formal no Brasil é a Sociedade Bíblica Trinitariana, responsável pela Tradução Almeida Corrigida Fiel. Esta, conseqüentemente, representa a mais acentuada tradução em equivalência formal no país.

Mesmo os que aceitam a equivalência dinâmica não costumam fazer uso de expressões idiomáticas brasileiras na tradução. Eles simplesmente trazem para a língua portuguesa o sentido que tais expressões possuíram em sua cul-

¹⁵ NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leiden: United Bible Societies, 1982, p. 22-23.

¹⁶ Pensando neste problema, católicos romanos e protestantes têm se empenhado em cooperação na tradução da Bíblia. NIDA, TABER, *The theory and practice of translation*, p. 177-178.

¹⁷ RAFEIRO, Humberto. Porque só aceito as traduções feitas por equivalência formal, 2002. Disponível em: solascriptura-tt.org/Bibliologia-Traduções/PqSoAceitoEquivalenciaFormal-Rafeiro.htm. Acesso em: 25 out. 2015.

tura de origem. A única tradução encontrada que substituiu um dito original, no caso um provérbio, por outro equivalente em português, foi a Bíblia Viva. Ela traduz Provérbios 16:26 como “A necessidade faz o sapo pular, a fome faz o homem trabalhar para conseguir alimento”, onde numa tradução formal encontraríamos “o trabalhador trabalha para si, pois sua boca o incita”. No entanto, a sua atualização que resultou na Nova Bíblia Viva¹⁸ abandonou essa postura, traduzindo o referido texto por: “o apetite faz o homem trabalhar com vontade, pois ele trabalha para matar a fome”.

Para exemplificar e demonstrar qual o resultado do princípio da tradução por equivalência formal e por equivalência dinâmica se verificará dezesseis traduções e duas atualizações para o português a partir de um mesmo texto bíblico.

4. 1 PEDRO 1:13 NA PERSPECTIVA DA EQUIVALÊNCIA FORMAL E DA EQUIVALÊNCIA DINÂMICA

Nida aponta que comida, vestimentas, construções, manufaturas e medidas que um determinado povo produz ou usa são aspectos da cultura que são incorporados na linguagem.¹⁹ Um exemplo disso que pode causar bastante estranheza por parte do leitor é 1 Pedro 1:13, escrito originalmente em grego. No referido texto encontra-se a expressão διὸ ἀναζωσάμενοι τὰς ὀσφύας τῆς διανοίας ὑμῶν. Traduzida no âmbito da microtextualidade ela seria “por isso, cingindo os lombos da vossa mente”. É uma expressão escrita em grego, porém aplicada da perspectiva da cultura hebraica. As traduções consultadas que optam pela equivalência formal nesta passagem são: Almeida Corrigida Fiel²⁰ e Almeida Revista e Corrigida,²¹ com o seguinte texto: “cingindo os lombos do vosso entendimento”; Almeida Revista e Atualizada:²² “cingindo o vosso entendimento”; Bíblia do Peregrino:²³ “cingidos mentalmente”; Bíblia Sagrada Edição Paulinas:²⁴ “cingidos os rins da vossa mente”; e Edição Pastoral Catequética:²⁵ “cingi, portanto, os rins do vosso espírito”.

¹⁸ *Nova Bíblia Viva*. São Paulo: Mundo Cristão, 2010.

¹⁹ NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. *The theory and practice of translation*. Leiden: United Bible Societies, 1982, p. 176-177.

²⁰ *Bíblia Sagrada: Almeida Corrigida Fiel*. São Paulo: Sociedade Bíblica Trinitariana, 1994, 1995.

²¹ *Bíblia Sagrada: tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Corrigida*. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 1995.

²² *A Bíblia Sagrada: tradução de João Ferreira de Almeida. Revista e Atualizada no Brasil*. 2 ed. Barueri: Sociedade Bíblica do Brasil, 2010.

²³ *Bíblia do Peregrino*. São Paulo: Paulus, s.d.

²⁴ *Bíblia Sagrada*. 39. ed. São Paulo: Paulinas, 1982.

²⁵ *Bíblia Sagrada: Edição pastoral catequética*. 170. ed. São Paulo: Ave Maria, 2006.

O verbo grego ἀναζωσάμενοι, formado pela preposição ἀνά (para cima) e pelo verbo ζώννυμι (cingir), é correspondente ao hebraico חָזַק, na maior parte das vezes usado com referência à preparação militar. O cinto fazia parte da vestimenta do soldado,²⁶ que só estaria preparado para a batalha depois de cingido. O cinto (ζώνη) era de linho ou de couro e sua finalidade era segurar as abas das vestes para não atrapalharem a movimentação de quem as usava. A partir desse uso “cingir-se” passou a significar “estar preparado para agir”.²⁷ Diversas passagens bíblicas constroem expressões a partir desse termo para conotar ação. Um exemplo disso é Isaías 11:5: “E a justiça será o cinto dos seus lombos, e a fidelidade o cinto dos seus rins” (ACF). Isso significa que todas as ações do sujeito serão justas e fiéis.²⁸ Outro exemplo é Jó 38:3: “Agora cinge os teus lombos, como homem; e perguntar-te-ei, e tu me ensinarás” (ACF), que traz a ideia de preparar-se para responder.

Ὅσφύας é um substantivo plural que pode ser traduzido como “lombos” ou “quadris”, e às vezes também é traduzido como “rins”. Esta era a parte do corpo onde o cinto segurava as pontas das roupas para elas não atrapalharem a ação. Encontra-se em Êxodo 12:11 o seguinte texto: “Assim comereis: os vossos lombos cingidos, os vossos sapatos nos pés, e o vosso cajado na mão; e o comereis apressadamente; esta é a páscoa do SENHOR” (ACF). O contexto mostra que o povo de Israel deveria sair apressadamente do Egito após a celebração da páscoa e, por isso, deveriam estar com os “lombos cingidos”, isto é, preparados para sair a qualquer momento.

“Cingir os lombos” tornou-se uma expressão idiomática na cultura hebraica. A partir dessa expressão foi acrescentada em 1 Pedro 1:13 a palavra διανοίας (mente), especificando o seu significado. Neste caso, a expressão ἀναζωσάμενοι τὰς ὀσφύας τῆς διανοίας ὑμῶν (cingindo os lombos do vosso entendimento) seria, portanto, equivalente a deixar a mente livre de empecilhos para que possa operar. Assim, a expressão de 1 Pedro 1:13 significa “preparem a vossa mente para agir”.²⁹ Na cultura para cuja língua a expressão está sendo traduzida, no caso o português do Brasil, não há equivalência semântica numa tradução literal, pois nem mesmo as roupas são como as da época. Não seria possível alguém do século XXI cuja língua materna é o português identificar tal sentido. Assim a possibilidade seria uma tradução com equivalência dinâmica.

²⁶ WOLF, Herbert. חָזַק. In: HARRIS, R. L.; ARCHER JR., G. L.; WALTKE, B. K. (Orgs). *Dicionário Internacional de Teologia do Antigo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1998, p. 46-47.

²⁷ SELTER, F. *zonymi*. In: BROWN, Colin (Org.). *O Novo Dicionário Internacional de Teologia do Novo Testamento*. São Paulo: Vida Nova, 1989, v. 3, p. 785.

²⁸ OSWALT, John. *Comentários do Antigo Testamento: Isaías*. São Paulo: Cultura Cristã, 2011, v. 1, p. 349.

²⁹ KISTEMAKER, Simon. *Comentário do Novo Testamento: Epístolas de Pedro e Judas*. São Paulo: Cultura Cristã, 2006, p. 81.

Na Edição Pastoral³⁰ a passagem referida encontra-se traduzida da seguinte forma: “estejam de espírito pronto para agir”, e em sua atualização denominada Nova Bíblia Pastoral:³¹ “com prontidão de espírito”, exatamente como na Bíblia de Jerusalém, na Nova Bíblia Viva, na Tradução na Linguagem de Hoje e na Nova Tradução na Linguagem de Hoje:³² “estejam prontos para agir”; na Bíblia King James:³³ “estai com a mente preparada, prontos para agir”; na Bíblia Judaica Completa:³⁴ “preparem sua mente para o trabalho”; na Bíblia Mensagem de Deus:³⁵ “preparai-vos, pois, espiritualmente para vossa caminhada”; na Bíblia Sagrada da Editora Vozes:³⁶ “estai, portanto, com o espírito preparado”; na Tradução da CNBB:³⁷ “aprontai a vossa mente”; e na Nova Versão Internacional:³⁸ “estejam com a mente preparada, prontos para agir”. Estas traduções apresentam a equivalência dinâmica.

Nota-se que nenhuma das traduções pesquisadas que optam pela equivalência dinâmica fez uso de outra expressão idiomática correspondente em português. Tanto aquelas de equivalência formal quanto estas de equivalência dinâmica têm variações entre si quanto à tradução de *διανοία*, algumas optando por “mente”, “entendimento”, “mentalmente”, outras, por “espírito” ou “espiritualmente”, sendo que a preferência da maioria das formais é por “mente” e similares e a das dinâmicas, por “espírito”. Três das traduções por equivalência dinâmica preferiram omitir qualquer tradução de *διανοία*, entendendo que assim a frase faz melhor sentido na língua alvo.

As Bíblias com explicações no rodapé podem resolver tanto o problema da cultura na qual está inserida a língua alvo, quanto o do dogma religioso. Elas podem oferecer, por exemplo, o texto bíblico em equivalência formal e explicar seu sentido nas notas. Podem inclusive propor uma expressão idiomática correspondente sem que isso seja recebido com estranheza ou soe como um desrespeito ao texto sagrado.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo se propôs a apontar um princípio de tradução da Bíblia que contemple o leitor em sua limitação na compreensão daquilo que exige mais do

³⁰ *Bíblia Sagrada: Edição pastoral*. São Paulo: Paulus, 1990.

³¹ *Nova Bíblia Pastoral*. São Paulo: Paulus, 2014.

³² *Bíblia Sagrada: Nova tradução na linguagem de hoje*. São Paulo: Paulinas, 2005.

³³ *Bíblia Sagrada: Tradução King James atualizada*. São Paulo: Abba Press; Sociedade Bíblica Ibero-Americana, 2012.

³⁴ *Bíblia Judaica Completa*. São Paulo: Vida, 2010.

³⁵ *Bíblia Mensagem de Deus*. São Paulo: Loyola, 1983.

³⁶ *Bíblia Sagrada*. 50. ed. Petrópolis: Vozes, 2005.

³⁷ *Bíblia Sagrada: Tradução CNBB*. 7. ed. Brasília: CNBB; São Paulo: Canção Nova, s.d.

³⁸ *Bíblia Sagrada: Nova Versão Internacional*. São Paulo: Vida, 2000.

que uma competência linguística, como é o caso das expressões idiomáticas. Foi apontado que a cultura é um fator tão importante quanto a língua e que só uma tradução com equivalência dinâmica pode aproximar o leitor do sentido original. Foram comparadas diversas traduções da Bíblia para o português e notou-se que mais recentemente houve uma mudança de paradigma, instalando a tendência da equivalência dinâmica como norma de tradução.

Passou-se a demonstrar como uma expressão idiomática encontrada em 1 Pedro 1:13 ocorre nas traduções de equivalência formal e dinâmica. Geralmente uma tradução não consegue ater-se a um só tipo de equivalência. Há traduções tão formais que se tornam difíceis de ser compreendidas; outras levam a equivalência dinâmica às últimas consequências tornando-se mais uma paráfrase do que uma tradução.

Conclui-se que o ideal seria que a tradução apresentasse um equilíbrio entre a equivalência formal e a dinâmica. Deve-se considerar a possibilidade da publicação de uma tradução em equivalência formal que traga uma breve e simples nota de rodapé com o sentido da expressão da língua fonte, ou uma tradução de equivalência dinâmica que forneça notas com a tradução formal. Uma edição assim elaborada, evitaria tanto o prejuízo da paráfrase com uma interpretação tendenciosa que retira do leitor a possibilidade de análise, quanto a incompreensibilidade do leitor promovida pelo distanciamento cultural. Um procedimento como este, ao menos com respeito às expressões idiomáticas, possibilitaria uma melhor compreensão da Escritura por um número maior de pessoas que não teriam condições de adquirir uma Bíblia de estudo.

ABSTRACT

The aim of this study is to point out a principle of translation that maintains the original semantic precision and at the same time provides the Bible reader the possibility to understand it better. Using Eugene A. Nida's theory, the sense of several translations of an idiomatic expression is evaluated. It demonstrates how this expression worked in the culture that coined it and how the dynamic equivalence assists in its translation.

KEYWORDS

Bible; Translation; Equivalence; Language; Culture.